

ENTREVISTA

Entrevista com Richard J. Bernstein

Pensar sem apoios

Adriana Novaes*

aphbany@gmail.com
(Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil)

Um “Hegeliano pragmático”. Foi assim que definiram o Professor Richard J. Bernstein, *Vera List Professor of Philosophy* da *New School for Social Research*, de Nova York. Seu interesse por diversos autores e linhas filosóficas desde sua formação fez com que fosse festejado como um exímio criador de pontes entre ideias e pensadores variados. Prof. Bernstein gostou de ser chamado de “Hegeliano pragmático”, mas afirma que nunca se viu como um construtor de tais pontes. O que fica evidente no contato com seus escritos e pode ser percebido nesta entrevista é seu compromisso com o pensamento, com o esforço de fazer as perguntas incômodas, de contradizer os caminhos simplistas e contrariar as certezas aparentes.

A seguir, a entrevista concedida pelo Prof. Richard J. Bernstein, realizada no dia 8 de dezembro de 2015 em sua sala na *New School*, Nova York.

Questão (Adriana Novaes) - Q: Eu gostaria que o senhor falasse de sua vida, de seu caminho intelectual, seu percurso filosófico. Onde nasceu? Onde estudou?

Professor Richard Bernstein - RB: Eu nasci em Nova York, no Brooklyn. Estudei em colégio público, na Universidade de Chicago e na Universidade Columbia. Recebi meu PhD na Universidade Yale, em 1958. Lecionei em Yale, Haverford College e atualmente sou professor na *New School for Social Research*.

Q: O senhor está na *New School* desde 1989, não?

RB: Sim, desde 1989.

* Adriana Novaes é doutoranda do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP. Realizou um estágio de pesquisa na *New School for Social Research*, sob supervisão do Prof. Richard J. Bernstein, financiado pela Fapesp (BEPE), de agosto a dezembro de 2015.

Q: O senhor teve um problema que gerou grande polêmica: foi-lhe negada sua efetivação¹ em Yale, o que causou pela primeira vez uma ampla manifestação de estudantes.

RB: Em 1965, eu não recebi a efetivação em Yale e houve um protesto espontâneo dos estudantes e dos professores mais jovens. Essa manifestação recebeu uma publicidade nacional. Foi o primeiro grande protesto de estudantes na Costa Leste e na Ivy League.²

Q: Mas isto aconteceu depois - não sei se entendi bem - de um problema ideológico dentro do Departamento de Filosofia, quando Sellars³ deixou Yale.

RB: A questão é que havia muitos problemas em Yale e professores deixaram o Departamento de Filosofia antes desse ano por tensões internas. A atenção nacional favorável que recebi fez de mim um “herói acadêmico”. Conseqüentemente, mais de trinta universidades me consultaram sobre meu interesse em integrar seus departamentos de filosofia.

Q: A ideologia não compromete o pensamento? Não é um tema problemático no ambiente acadêmico?

RB: Deixe-me tratar disso da seguinte maneira: às vezes as pessoas usam a palavra ideologia num sentido muito amplo. Se você usá-la nesse sentido amplo, seja qual for seu ponto de vista, ele é uma ideologia. Eu simpatizo mais com a concepção de ideologia de Hannah Arendt: ideologias são sistemas fechados impermeáveis à crítica.

Q: Em seu livro *Philosophical Profiles*, o senhor escreveu: “Nenhuma escola ou orientação dominava nossas discussões filosóficas e experimentávamos diariamente como cada um pode respeitar e aprender diferentes pontos de vista filosóficos. Apesar de eu ter explorado uma variedade de pensadores e movimentos em minha trajetória filosófica desde então, nunca esqueci as lições de civilidade intelectual que aprendi em Yale”. Hoje há a profissionalização e a burocratização das universidades.

1 O termo em inglês é “tenure”. Não há uma tradução que dê conta do significado desse tipo de confirmação de um contrato de trabalho do professor numa universidade. Nós não temos isso no Brasil, mas é uma nomeação que dá mais estabilidade ao professor. Optou-se por “efetivação”. Agradeço a Amanda Morris pelo esclarecimento.

2 Lembrando que “Ivy League” é o nome dado a um grupo de oito das mais antigas e respeitadas universidades americanas: Yale, Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Pensilvânia e Princeton.

3 Wilfrid Stalker Sellars (1912-1989), filósofo norte-americano. Em Yale desde 1959, Sellars foi para a Universidade de Pittsburg em 1963.

RB: Em todo mundo.

Q: Sim, então como podemos enfrentar isso?

RB: Muitos filósofos profissionais pensam que há uma grande divisão entre Filosofia Continental e Filosofia Analítica. Eu nunca pensei nesses termos. Yale era um departamento de filosofia pluralista. Lá estudei Kierkegaard, Hegel, Wittgenstein, Empirismo Lógico e Pragmatismo. Alguns pensam que eu construo pontes em filosofia, mas eu nunca me considerei alguém que estivesse construindo pontes. Com trabalho duro e imaginação hermenêutica pode-se adentrar em diferentes tipos de orientações filosóficas. Eu tento encorajar meus alunos a pensar desse modo. Preocupo-me com o que está acontecendo na vida universitária atualmente. Quando eu vim para a filosofia, ela era realmente uma disciplina envolvida com a “vida do espírito”. Hoje a filosofia acadêmica se tornou uma “profissão” - às vezes num sentido muito estreito e técnico.

Q: Hannah Arendt quis conhecê-lo porque havia lido seu livro *Praxis and Action*. Como foi esse encontro?

RB: Você já assistiu ao meu comentário sobre o filme *Hannah Arendt* no YouTube?⁴

Q: Sim.

RB: Eu conto a história sobre nosso primeiro encontro. Eu não estava interessado no trabalho de Hannah Arendt quando a conheci em 1972. Eu a encontrei na Pensilvânia, quando lecionava em Haverford College. Nós praticamente conversamos das 8 da noite até às 2 horas da manhã. Eu me lembro de ter discutido com ela sobre sua interpretação de Hegel e Marx. Pensava que ela estava errada sobre eles. Eu ainda acho que ela está errada. Esse foi o início de nossa amizade. Eu a conheci por apenas três anos, porque ela morreu em 1975, mas eu me senti muito próximo dela intelectualmente. Foi uma amizade memorável.

Q: Eu gostaria de lhe mostrar o que ela sublinhou em seu livro.⁵

RB: O que ela sublinhou?

Q: Por exemplo, na página 11, ela anotou: “Hegel: pensar é agir. Marx: agir é pensar”.

4 Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=EbFOD0oLnps> (acessado em 23.05.2016).

5 Em Bard College, universidade localizada no norte do estado de Nova York, na cidade de Annandale-upon-Hudson, há o Hannah Arendt Center for Politics and the Humanities, dirigido pelo Prof. Roger Berkowitz. Anualmente em outubro, o centro de pesquisa realiza um evento com conferências a partir de um tema relacionado à obra da filósofa. Lá está a biblioteca de Hannah Arendt consultada pela pesquisadora.

Na página 18, sublinhou: “Hegel está afirmando que se nós tomamos uma perspectiva histórica mundial, nós veremos que há um *logos* interno à aparente multiplicidade caótica dos eventos. Este *logos* tem uma forma teleológica. *Há uma narrativa ou ‘estória’* a ser descoberta na história - esta é a épica das maneiras indiretas pelas quais o *Geist* está realizando a si mesmo, movendo-se da liberdade e autodeterminação como uma ideia abstrata para sua incorporação concreta em instituições humanas”. E na página 21, onde o senhor cita *Razão na História*, de Hegel: “‘A essência do espírito é *ação*. Isso faz dela o que ela é essencialmente; é seu próprio produto, sua própria obra’”. O que o senhor acha? Ela estava escrevendo *A vida do espírito*, pensando sobre isso e, como o senhor disse, ela era muito crítica em relação a Hegel.

RB: Como lhe disse, quando escrevi *Praxis and Action* eu não estava interessado em Hannah Arendt e se você ler cuidadosamente o livro verá que há apenas uma nota de rodapé sobre ela. Agora, ela poderia ter tido a seguinte atitude: “Veja só, eu escrevi sobre *ação*, escrevi *A condição humana*. Por que Bernstein não discute meu trabalho?” Mas essa *não* foi sua atitude. Ela percebeu que eu estava tentando fazer algo novo e original. Ela foi intelectualmente generosa em relação a mim. Não estava preocupada porque eu não havia discutido o trabalho dela. Queria que eu integrasse o corpo docente da New School. Você viu a carta que ela escreveu pra mim quando a New School decidiu não me contratar em 1972?⁶

Q: Sim.

RB: Na carta ela disse que não pensava que o assunto tivesse a ver com a bizantina política acadêmica, mas com o fato de que eu estava tentando fazer algo original em *Praxis and Action*. Ela achava que a típica resposta acadêmica à originalidade é fazer crítica. É o que ela mesma aprendeu. Em 1972, eu era relativamente desconhecido, ela era conhecida, respeitada e admirada, vinte anos mais velha do que eu. Mas intelectualmente ela me tratava como igual. E gostávamos de discutir um com o outro.

Q: Há quase 30 anos, o senhor escreveu que pensadores estavam em um processo de exorcizar a “Ansiedade Cartesiana”. Ela foi exorcizada ou ainda estamos lidando com o pensamento “Eu sou todo poderoso” (esta uma citação das anotações de um curso ministrado por Arendt sobre o Pensar na Universidade de Chicago, em 1970)?

RB: Penso que a Ansiedade Cartesiana não é apenas um tema filosófico. Nós estamos vivenciando isso agora nos Estados Unidos. Quando chega uma crise, as pessoas querem

⁶ A carta mencionada - assim como boa parte dos documentos do arquivo de Hannah Arendt - pode ser acessada em <https://memory.loc.gov/ammem/arendhtml/arendthome.html>: The Hannah Arendt Papers; Correspondence File; General, 1938-1974; Bernstein, Richard - 1972-1974, imagens 14 e 15.

algo em que possam se agarrar, querem algo fixo e seguro. Não querem olhar de modo realista para as coisas em toda sua complexidade. Querem um rígido fundamento moral ou religioso. Todo meu trabalho tem sido crítico à Ansiedade Cartesiana, “Ou um fundamento absoluto ou tudo é permitido”. Em termos filosóficos, muitas pessoas são críticas do “fundacionismo”. Mas eu penso que na vida política e social isso ainda tem um grande apelo. Como disse Arendt, hoje temos que aprender a “pensar sem apoios”.

Q: Bem, essa Ansiedade Cartesiana está relacionada ao processo de perda de significado.

RB: Deixe-me explicar do seguinte modo: estas alternativas são postas de diferentes formas, mas elas sempre vêm para dizer que há ou alguma verdade absoluta ou tudo é relativo. Todo meu trabalho intelectual tem argumentado que essa é uma dicotomia falsa e pernicioso. Dar significado para a vida de alguém não requer descobrir ou postular um absoluto. Concordo com Arendt que quando absolutos são introduzidos na política, a política em si é destruída. Uma das razões de eu usar o título “thinking without banisters” no meu livro *Violence* é que este é o caminho para pensar agora. Isso não leva ao niilismo. Niilismo é apenas a imagem no espelho do absolutismo. Você se lembra do ensaio no qual Arendt diz que todo pensamento é perigoso? Concordo com isso. Pensamento real é sempre perigoso, porque coloca em questão todos os dogmas fixados.

Q: Durante um debate republicano em novembro de 2015, um dos candidatos, o senador Marco Rubio, afirmou que os Estados Unidos precisavam de mais ferreiros e menos filósofos. Simon Critchley, num artigo publicado no *New York Times* disse que filósofos não sabem as respostas, mas sabem as perguntas.

RB: Sim.

Q: Do que precisamos realmente? Não apenas, claro, os norte-americanos. Quais são as questões que o senhor considera mais importantes hoje? O que precisamos questionar agora?

RB: Deixe-me começar pela primeira parte. Os Estados Unidos estão caminhando atualmente para uma fase anti-intelectual que tem uma longa tradição. Há um sério ataque às disciplinas de humanidades. As pessoas querem medir as coisas. Eu trabalho numa tradição pragmática, logo não sou não-prático, mas penso que essa tendência anti-intelectual é um desastre. O que precisamos nos Estados Unidos - e no mundo hoje - é de mais pensamento genuíno. Há pouquíssimas pessoas pensando e se engajando na crítica. Nossa política é vergonhosa, porque é como uma reação instintiva,

reativa, sem pensamento. Há pouca discussão real sobre temas importantes, mas uma consideração demasiada em relação à “construção da imagem”. Minha resposta é que a maior necessidade prática hoje é mais pensamento independente. Eu estou muito incomodado com o rápido alastramento do neoliberalismo, o crescimento da disparidade entre ricos e pobres, a perda de sentido em se trabalhar para um bem comum. Mesmo quando se trata do que chamam “terrorismo”, há pouquíssimo pensamento sobre o que motiva pessoas a se engajarem em tais atos. Poucos querem enfrentar o fato de que, em grande medida, a criação do ISIS é resultado de uma desastrosa política externa americana no Oriente Médio. Há temas complexos. Mas tudo que temos são “frases de efeito” dos políticos. É muito mais fácil pensar em estereótipos sobre pessoas boas e más. Muitos, incluindo políticos, se agarram a seus estereótipos. É por isso que precisamos atualmente de mais pensamento independente.

Q: O senhor acha que há espaço no mundo filosófico para o tipo de pensamento que o senhor considera necessário? Por exemplo, o que o senhor disse sobre o espaço que tinha em Haverford, um tipo de oásis.

RB: Apesar da minha crítica sobre o que está acontecendo hoje na vida acadêmica, eu penso que os Estados Unidos são ainda uma sociedade pluralista. Ainda há lugares onde você pode fazer perguntas duras e fomentar pensamento independente. Eu tenho muito orgulho do que fazemos no Departamento de Filosofia na New School. Estudantes têm vindo porque estão interessados em ideias e querem explorá-las em profundidade.

Q: Quando estudante em Chicago, o senhor escreveu um trabalho intitulado “Amor e amizade em Platão”. Anos depois, ainda aluno de graduação, o senhor teve uma epifania quando estava estudando “Antigone”, de Hegel...

RB: Apesar de eu escrever sobre temas de filosofia contemporânea, minha leitura filosófica favorita ainda é Platão. Eu não sou, em qualquer sentido tradicional, um hegeliano, mas penso que a filosofia de Hegel e o modo pelo qual ele olha as coisas têm uma influência profunda em meu próprio pensamento. Alguém escreveu um longo artigo sobre mim e afirmou que eu sou um “Hegeliano pragmático”. Gostei. Eu discordo de Hegel sobre muitos temas, mas ele é um provocador do pensar. Vou ministrar um curso sobre Arendt em 2016. Tenho lido Hannah Arendt por mais de 40 anos e eu sempre descubro coisas novas em suas obras.

Livros de Richard J. Bernstein

John Dewey (Washington Square Press, 1966)

Praxis and Action: Contemporary Philosophies of Human Activity (Univ. of Pennsylvania Press, 1971)

The Restructuring of Social and Political Theory (Univ. of Pennsylvania Press, 1978)

Beyond Objectivism and Relativism: Science, Hermeneutics, and Praxis (Univ. of Pennsylvania Press, 1983)

Philosophical Profiles: Essays in a Pragmatic Mode (Univ. of Pennsylvania Press, 1986)

The New Constellation: The Ethical-Political Horizons of Modernity/Postmodernity (MIT Press, 1992)

Habermas and Modernity (MIT Press, 1995)

Hannah Arendt and the Jewish Question (MIT Press, 1996)

Freud and the Legacy of Moses (Cambridge Univ. Press, 1998)

Radical Evil: A Philosophical Interrogation (Blackwell Publishers, 2002)

The Abuse of Evil: The Corruption of Politics and Religion since 9/11 (Polity Press, 2006)

The Pragmatic Turn (Polity Press, 2010)

Violence: Thinking without Banisters (Polity Press, 2013)

Pragmatic Encounters (Routledge, 2016)